

Tão longe, tão perto

"I seek new perfums, ampler blossoms, untried pleasures."

"Eu busco novos perfumes, imensos afloramentos, recônditos prazeres."

Joris-Karl Huysmans — *Against Nature (À Rebours)*

Manifesta-se afeto em um sem-fim de modos. Com o corpo, com palavras, escritas ou ditas, com música, com imagens. Fotografias transmitem sentimentos ao encapsular formas de vida, conformar abstrações, ao evocar ideias e desejos os mais furtivos, aglutinados sob as muitas capas simbólicas que aderem à pele da imagem — e em face aos estímulos visuais despertados pela fotografia, os demais sentidos concorrem para desbordar a própria visão, alcançando, assim, insuspeitados padrões de escuta, de olfato, de paladar ou mesmo de tato.

A obra fotográfica de Carolina Pimenta sobretudo trata de envolver os afetos numa atmosfera háptica: promove narrativas visuais que se constroem mediante a tecnologia afetiva mais elementar à nossa espécie, o tato, sentido que se impõe sobre os demais para conceder à pele sua plena soberania sobre o desejo. E ao pensarmos o corpo como forma *sui generis* de tecnologia — a um só tempo engendrada pela natureza e transformada pela cultura — invariavelmente acabamos por entender nossos membros e sua epiderme como ferramentas de afeto e prazer.

A palavra latina *affectus*, dada a raiz etimológica (*affect*), simultaneamente implica afeto e afetar, donde se depreende que os afetos, ou sentimentos, impactam a alguém, ou a alguma coisa ("Afetar: produzir um efeito, mudança, alteração em algo ou alguém") Por outro lado, há em português a palavra *afecção*, a qual também pressupõe causa e efeito, embora, neste caso, trate-se, antes, de provocar uma enfermidade do que de detonar uma emoção. Mas *afecção* pode igualmente designar *comoção*, o que nos levaria a pensar na saudade, na cólera ou mesmo no amor febril, doentio, que magoa não só a alma, mas o corpo, o coração.

This side of nowhere, uma exposição em dois tempos, nos conduz tanto ao corpo — "topia implacável", como diria Michel Foucault, de onde jamais logramos escapar — quanto à natureza exterior a ele, o espaço de onde viemos e no qual vivemos. Natureza e humanidade, uma afetando à outra, transformando-se, ensejando a criação de novas tecnologias, para ver, para sentir, para tocar, para representar — daí a fotografia, mecanismo estranho ao corpo humano, espécie de prótese que permite dar forma à esfera sensível, representá-la para melhor compreendê-la.

Em *Tactile Afferents*, um dos atos da mostra individual de Carolina Pimenta na galeria Nuno Centeno, deparamo-nos com uma anatomia fracionada, compartimentada, quiçá mesmo fraturada — ângulos orgânicos a compor uma série de geometrias e grafismos, ou mesmo uma sorte de tipologia do design humano, por assim dizer. Pois este corpo que emerge na obra recente da artista vai responder a uma natureza profundamente afetada pela

pandemia; são corpos cujas respostas ao meio-ambiente fatalmente se deram no plano do isolamento (o risco do contágio), da ausência de contato físico, do calor que protege das dores do amor, mas não das virulentas moléstias sobre-humanas. Diante de tal mundo no qual as manifestações de afeto — o abraço, o beijo, o sexo — se haviam tornado sub-reptícios signos letais, impossível não ver ou ler o conjunto de fotografias de Carolina como “tableau-vivant” de uma humanidade ávida por contato, que busca aplacar a melancolia e a solidão no encontro fortuito entre corpos, afetando-se mutuamente. A presente exposição se inscreve, pois, como poderosa ode à liberdade afetiva, ao amor, à troca de “abraços e beijinhos, e carinhos sem ter fim, que é pra acabar com esse negócio de você viver sem mim” — ecoando assim a romântica toada bossa-nova de Tom Jobim.

Nessa série de obras de Carolina, o *passe-par-tout* vem velar as identidades de seus personagens em nome de uma coreografia sensual-afetiva universal, de uma dança entre homens e mulheres embalada pelo irrefreável instinto tátil, expressão maior da curiosidade pelo outro, mas também do desmedido desejo de receber amor. Numa espécie de exercício errático de zoom-in (ou voyerismo?), nosso olhar percorre uma vasta topografia humana e suas tecnologias primeiras de afeto: as mãos, os braços e as pernas, entrelaçados, enredados uns nos outros. “Sob os dedos do outro, que nos percorrem, todas as partes invisíveis de nosso corpo põem-se a existir [...] É por isso que ele (o amor) é parente tão próximo da ilusão do espelho e da ameaça da morte: e se, apesar dessas duas figuras perigosas que o cercam, amamos tanto fazer amor, é porque no amor o corpo está aqui.” M. Foucault, em *O corpo utópico, as heterotopias*, publicado por n-1 Edições, no Brasil.

Se na sala em branco e preto, *Tactile Affects*, com o olhar navegávamos as ondulações físicas e as modulações do prazer, na galeria contígua — noutro tempo, noutro espaço — encontramos-nos *en plein air*, num mundo a cores, afetados pelos diferentes matizes com os quais a natureza nos contempla, em tese afastados da construção humana, decididamente desprovidos da sua presença. Aos olhos do Ocidente, porém, a natureza é invariavelmente uma construção cultural, senão obra das mãos na terra, uma projeção romântica: idílio ou redenção, um escape aos tormentos do mundo fabricado, habitado e já transformado. E a essa ideia de uma natureza que queremos intocada, contrapõem-se outra, a de uma *segunda natureza* — uma esfera de vida informada pela cultura e pela tecnologia, pelas convenções sociais —, que todavia vai espelhar a primeira. É neste espírito que acendemos a luz para fazer dia enquanto estamos ainda imersos na escuridão; assim simulamos a natureza em nossas prosaicas ações do dia a dia, ou a representamos, como na pintura impressionista, que apanha os movimentos produzidos pelo ar e pela luz, a mudança de cor na passagem das horas.

Amplas imagens de campos e flores “pintadas” fotograficamente por Carolina abrem janelas à paisagem exterior, e aos fenômenos naturais que se impõem sobre o horizonte humano. *Plein air* vai, portanto, expandir a investigação pictórica da artista desde o

corpo/cultura em direção à natureza/cultura, o que não implica dizer que ambos se encontrem em polos diametralmente opostos, pois esta série de ares bucólicos é também ela produto das afeições e afecções despertadas pela pandemia e seu irremediável impacto sobre nossas psiques, nossas rotinas e visões de mundo. Justo ao tempo em que a *maladie* nos fez duplamente reféns, aprisionados ao corpo e a seu ambiente imediato (a casa), ela também dele nos removeu, uma vez que tocou-nos experimentar a passagem do tempo em meio à plena virtualidade — conectados ao mundo via digital, reconhecendo a realidade como uma espécie de nefasta ficção, por mais evidente e brutal que ela se nos apresentasse. Daí o antecipado encontro com a natureza ganhar tintas impressionistas, possuir um elã maior que a vida, um perfume próprio, tal sua força plástica em contraposição à esterilidade imediata do confinamento.

This side of nowhere trata do potencial, fenomenológico e contingencial encontro de homens e mulheres com a natureza e suas formas de vida, mais ou menos humanas, artificiais em menor ou maior escala, investidas da beleza que o olhar decanta na paisagem, que o corpo experimenta no plano sensível. Eis que na impossibilidade de abandonarmos o próprio corpo, observamos e apreendemos a realidade sempre transfigurada pela força dos afetos, por suas vicissitudes, arroubos e extravagantes expressões de amor.

O corpo é uma festa!
OPAVIVARÁ!

Bernardo José de Souza